

Mateus 5:17-48

Todo o processo revolucionário comporta em si mesmo um risco - o de se negar o passado histórico em vez de se construir a partir dele. O esforço para evidenciar a ruptura e assumir a diferença conduz muitas vezes a radicalismos dolorosos e inconsequentes.

Jesus é revolucionário sem cortar com o património espiritual acumulado desde o Éden. Esta é, porventura, uma das maiores evidências da autoridade divina com que ensina. A História demonstra que quando o Homem se propõe fazer revisões aos valores e conceitos morais e espirituais a tendência é sempre de relaxar os limites, para que estes se adequem às suas falhas e perversões. Só Deus tem a capacidade de preservar a Verdade em todas as circunstâncias. Jesus fez isso mesmo. Ele pegou na *práxis* moral daqueles dias e elevou o padrão.

O povo judeu estava, desde o Êxodo, sujeito a um modelo moral condensado nos Dez Mandamentos. Apesar de simples, era um padrão exigente. Depois do cativeiro babilónico, houve um grande reavivamento liderado por Esdras, Neemias e outros, que conduziu ao estabelecimento de uma *práxis* moral quase a toda a prova, cujo exemplo máximo eram os fariseus. Imagino por isso a surpresa de todos ao ouvirem Jesus dizer que isso não era suficiente.

A maior revolução da mensagem de Jesus acerca de nossa moralidade está nisto: mais importante do que a *práxis* moral é a intenção moral. Com a prática teremos a aprovação dos Homens, somando-lhe a intenção teremos a aprovação de Deus. Jesus amplia o significado dos Dez Mandamentos e eleva-os à categoria de princípios ou valores universais de moral, justiça, bondade, misericórdia, graça e amor. E, se por um lado, isso realça a nossa pecaminosidade, por outro, sobrevaloriza a perfeição incorruptível de Deus.

Que grande desafio é, portanto, repto de Jesus:

"Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus."